

Na inauguração da coluna CIDADE ELÉTRICA, entrevisto Franco Átila, um de meus mestres. Mestre sombrio e perigoso, mas imprescindível para a experimentação dos movimentos das massas elétricas da cidade.

Como você vê a literatura contemporânea do Brasil?

Mas que pergunta mais fuleira. Você até parece um desses jornalistas de revista literária. É o tipo de pergunta que espera que o entrevistado dê uma de sacerdote, em defesa da santa igreja literária.

Que seja, mas você não respondeu a pergunta...

Eu amo uma certa literatura, alguma coisa de hoje, alguma de ontem, mas a verdade é também estou cansado da literatura, nem um pouco a fim de fazer uma defesa sacerdotal ou cidadã das virtudes da boa literatura, do bom poeta e do bom leitor, da importância de se ler, de lamentar a apatia dos jovens etc etc. Ando ouvindo muita canção ultimamente.

Que tipo de canção?

De tudo, tudo que toca no rádio e na TV eu paro pra ver, mas especialmente o que chamam de MPB e Rock Brasil.

Mas isto é uma revista literária, e considerar a canção como literatura é, no mínimo controverso. Mesmo em se tratando de bons letrados, como Caetano Veloso e Chico Buarque, há pessoas que têm sérias restrições em ler suas letras como poemas.

Suas letras são, de fato, péssimos poemas.

Então não seria melhor falarmos de literatura, de boa literatura?

Mas os dois são ótimos poetas!

Como assim? Você acabou de dizer que suas letras são péssimos poemas!

São poetas do audiovisual, não da escrita. Poetas da eletricidade e não do papel.

Como assim?

Se você considerar as letras do Chico ou do Caetano no papel e lê-las como poemas, vai ter uma ou outra razoável, a maioria medíocre e umas bastante ruins. Mas se considerar a canção, a coisa gravada, com música e voz, principalmente voz, a voz realizando a letra escrita, fazendo-a riscar o espaço instrumental de forma ritmada e melódica, então pode dizer que muitas de suas canções são excepcionais e que, por isto são excelentes poetas.

Sem querer desvalorizá-los, não seriam apenas excelentes músicos populares?

Não. São excelentes poetas, com todas as letras, ou melhor, com todos os sons (risos). A canção pop (ou popular) é a poesia de nossa época. E os artistas da canção são nossos poetas.

E a poesia escrita.

Morreu.

Hein?

Como parte de um sistema literário, daquele jeito que o Candido caracterizou tão bem, já era. Mas pode ficar tranqüilo que ela ressuscitou e na minha opinião, melhor.

Como o Cristo?

Não, como vampira, uma morta-viva tão maldita que a maioria das pessoas nem sabe que existe, nem ama nem odeia. A poesia escrita só é lida por outros poetas, artistas ou intelectuais. As massas e até mesmo as elites (a não ser a intelectual) a ignoram, não se sentem nem pressionadas a ler a dita alta literatura, como no passado. Até a metade do século XX, alta literatura ainda enobrecia o espírito, imprimia nobreza nas almas mercantis da burguesia e dos latifundiários.

Não vejo tanta vantagem nesta sina maldita.

Ora, pense bem, a literatura não tem mais que ser o espírito de uma nação ou se encarregar de exprimir a natureza profunda do homem. Ela não carrega nem mesmo o peso de representar as formações históricas. Ela agora está finalmente livre, leve, rarefeita, intermitente. O poema ou o poeta, como diz o Augusto [de Campos] é um pulsar quase mudo.

A canção é que tem a responsabilidade de representar a nação agora?

Alguns até podem imputar esta responsabilidade à canção, mas ela nasceu como entretenimento. Não tem a seriedade suficiente pra isto. A canção é irresponsável demais pra isto, comercial demais.

Não seria motivo então para considerá-la uma espécie de para-literatura, como é Paulo Coelho, ou música de segunda, como a sertaneja?

Não, a canção não é nem literatura nem música. Não podemos entendê-la usando os critérios destas duas artes, nem da música e literatura tradicionais, nem contemporâneas. A canção é outra coisa, outra arte, outro recorte estético.

Que tipo?

É um campo no qual o espaço estético não é construído com tanta autonomia em relação à sociedade, como ocorre na literatura ou a música. A canção é muito impura, muito misturada com as posturas, com as vivências dos artistas, com os mitos que se formam em torno deles, com o capital, com os valores morais etc.

Não seria o caso de interpretar a canção por uma perspectiva sociológica então?

Sim, mas a sociologia, a antropologia, a história, a psicologia, os pesquisadores destas disciplinas são, em geral, ingênuos demais do ponto de vista artístico. O fato de a canção ser impura não quer dizer que sua dimensão, digamos, estética, seja desprezível. Por outro lado, os críticos da literatura e da música, mesmo os com tarimba sociológica, não sabem bem o que fazer com a canção. Não têm parâmetros para ela. Se usarem os critérios literários ou musicais inevitavelmente chegarão a conclusão que toda a canção é música ou literatura de segunda. Mas o que fazer com o que chamamos MPB, com a Tropicália, como desprezar a Tropicália, tão lúcida e irônica e, ao mesmo tempo tão contagiante e encantadora para uma certa classe média sofisticada? E que fazer com as coisas mais toscas ainda como o rock Brasil, o sertanejo, o axé, o pagode, o brega, que têm coisas ruins

demais, mas também coisas muito criativas, de uma estranha criatividade, fora de todos os catálogos das teorias literária ou musical?

Mas muito disso aí, com o perdão da palavra, é uma porcaria!

Mas muito dessa porcaria gruda.

Como assim?

É virulenta, contagia. Se eu começar: “Cadê você” [cantarola o início da música “Cadê você” de Odair José], você saberá completar, todo mundo sabe. Você pode odiar música sertaneja, mas se escutar involuntariamente Leandro e Leonardo cantando “Cadê você” no rádio, daqui a pouco vai se pegar cantarolando a música. É uma canção altamente virulenta. Gostar ou não é irrelevante, ela simplesmente gruda em você. Não é só um fenômeno sociológico, psicológico ou cultural, mas estético também. O que faz uma canção grudar? Por quê há poetas da canção tão virulentos? Odair José é um poeta virulento, Leandro e Leonardo também são.

São casimiro de nossa época?

De certa forma sim. O Casimiro de Abreu conseguiu, com sua obra, fazer girar todo um gosto popular, de um certo romantismo água com açúcar das massas. As massas de leitores, que eram elite, mas resvalava para as massas populares que gostavam de modinha. Tem muito de modinha nos seus poemas. Mas a canção é um troço diferente do Casimiro, do Castro Alves (outro romântico das massas), do Gonçalves Dias da *Canção do exílio*. A canção é mais magnética ainda, é elétrica e plenamente mergulhada na circulação do capital, mas também na circulação de desejos das massas populares e até de classe média. As gravadoras e os empresários da música sabem dessa potência, dessa força que alguns artistas têm para magnetizar as massas. Eles são caçadores de poetas virulentos (não é fácil encontrar), estão sempre a espreita e quando acham um é como ganhar na loteria.

Eles não os fabricam?

Bobagem. O máximo que se pode dizer é que eles lapidam, com as limas do mercado. O mais próximo que se pode chegar de artistas fabricados é o Menudo, a Xuxa, esse tal de Rebelde. Mas mesmo esses, projetados para o sucesso, só o fazem porque têm um potencial de virulência.

Quer dizer que a Xuxa é uma poeta da canção?

Sim, e estes outros também. De Xuxa a Caetano, de Chico a Zezé di Camargo, de Lobão a Amado Batista. São poetas pop.

Mas há, aí, músicos que fazem uma canção puramente comercial e outros que fazem uma canção mais bem acabada esteticamente? Eles não estão todos no mesmo nível...

É, vamos dizer como todas as letras: há a canção de arte e a comercial. Mas estes dois conceitos são como pólos ideais de uma escala. Não há uma canção puramente de arte e outra absolutamente comercial. Os limites de valores no campo da canção não são tão claros como na literatura. Em outras palavras, o campo da canção não comporta distinções claras de valor, como o literário. Uma canção altamente virulenta como “Cadê você”, por exemplo, é o que nesta escala? Arte ou lixo comercial? Não se pode desprezar sua potência de enovelar as massas em torno de si, a massa em que nos tornamos e que goza ao ouvi-la.

É uma potência sonora, sem dúvida. Boa? ruim? alienante? transcendental? iluminadora? Talvez devêssemos mudar as perguntas e os critérios para avaliar o seu valor, talvez a própria idéia de valor deva ser reavaliada para abordarmos a canção.

Você chamou Odair José e Leandro e Leonardo de poetas da canção. O poeta não seria apenas o primeiro, que é o autor da música?

Digamos que no caso da canção há dois momentos. A criação e a interpretação. Há os que são autores, outros intérpretes, sem falar nos artistas que são ambas as coisas. O que interessa é que tanto a criação quanto a interpretação são momentos de ‘criação poética’. “Cadê você”, por exemplo, só tem a virulência que tem hoje porque Leandro e Leonardo a recriaram com sua interpretação. Intérpretes com esta capacidade, de re-criar, são também poetas, tão criativos (criadores) quanto os autores. Caetano, por exemplo, recriou de forma excepcional (muitas vezes virulenta) algumas músicas do Peninha. Renato Russo recriou, como intérprete, músicas pop italianas e assim vai...

Falando em Renato Russo, o rock Brasil é uma de suas paixões...

Sim, não passo sem. Mas o importante não é eu gostar, mas entender como aquilo foi uma onda, e uma onda terrivelmente virulenta de rock, que varreu o país de norte a sul, inclusive com bandas de todo lugar, Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Brasília... Uma onda de rock, um ritmo negro, norte-americano, feito por adolescentes brasileiros brancos de classe média, revoltados.

Aliás esta absorção de um ritmo negro por brancos bem situados não deixa de ser suspeita.

Suspeita pra quem?

Para os negros, que viram seu som de minoria se transformar em sucesso pop numa indústria branca. Só com Elvis o rock ganha projeção nos EUA.

Mas era também muito suspeito para os pais brancos verem seus filhos gostando de um branco que cantava e dançava como um negro, de os verem naquele transe corporal ‘primitivo’, chacoalhando seus corpos como negros. Se no rock branco há uma dimensão de absorção da cultura negra nas engrenagens do capitalismo, há também todo um devir negro implicado, um tornar-se negro pela música: é entre a acomodação da absorção comercial e a revolta do devir negro que o rock se debate desde sempre.

Em se falando de revolta, o rock Brasil foi muito revoltado...

Muito, muito de devir negro e devir criança. Não podemos esquecer que os roqueiros começaram quase crianças. Crianças que não queriam crescer para se tornarem o típico macho adulto branco a que estavam destinados como classe média. Por isto eram tão ingênuos, mesmo depois de crescidos, sua revolta era muito pueril, eles não tinham aquela consciência irônica da Tropicália, por exemplo.

Esta ingenuidade facilitava sua cooptação nos mecanismos comerciais.

Sim, foi uma grande onda comercial também. O BRock foi um precursor comercial, um ensaio para as explosões nacionais do sertanejo, do axé e do pagode nos anos 90. Os mais talentosos para a virulência, para fazer canções amadas pelas massas se tornaram uma mina de ouro, como foi o caso de Renato Russo, Cazuzza, Humberto Gessinger, Herbert Viana e

muitos outros. Mas ao lado desta revolta ingênua, havia um lado sombrio e rancoroso nos melhores artistas do BRock que os tornava, num certo sentido, mais lúcidos que os artistas da Tropicália.

Mais lúcidos que os tropicalistas?

Sim, Caetano & cia ainda eram utópicos. A tropicália tinha um projeto de redenção contracultural e o 'atraso' brasileiro era para eles, como foi para Oswald, uma oportunidade para a construção de um sociedade alternativa ao desenvolvimento do primeiro mundo, em que prevalecia uma classe média totalmente absorvida nas engrenagens do capital.

Já os roqueiros...

Eles não acreditavam mais nisto. Eles viam dois brasis. O da classe média, do qual pertenciam e o da pobreza em que vivia (e vive) a maioria da população. Não gostavam de nenhum e não viam nenhuma terceira via, nenhuma possibilidade utópica. O melhor que poderia acontecer era os pobres passarem a ser classe média e o país, conseqüentemente, se tornar desenvolvido. Mas eles eram classe média e odiavam seu modo de vida, odiavam os direitos e deveres da cidadania, o estado de direito, a democracia, o mercado, a cultura, os valores e desejos da mediania...

Um beco sem saída...

Por isto eram tão rancorosos. A voz dos negros e das crianças se tornou, para eles, um modo de rosnar e uivar, de se debater agressivamente, de roncar com toda a potência elétrica dos microfones e guitarras contra a maquinaria comercial que os absorvia e os sufocava, rosnar para a multidão extasiada que os ouvia: "vocês são pobres desgraçados ou vocês são classe média confortável, que merda! que merda! e não resta mais nada para se tornar, que destino de merda o de todo mundo! por quê estão tão felizes com nossos corpos servidos no palco? que merda!" E quanto mais rosnavam mais vendiam, mais se tornavam pop star, mais eram adorados, idolatrados, sacralizados.

Por isto se drogavam tanto?

Talvez. Mas o pessoal da contracultura também se drogava e morria de se drogar. A questão é o sentido que a droga adquiriu. Na contracultura ela abria as portas da percepção, enquanto no BRock a droga era ou pura diversão ou o caminho para um mundo sombrio e sem saída, ou ambas as coisas. Nos dois casos há no BRock um uso, digamos assim, mais irresponsável da droga. Para os roqueiros de 80 a droga e o sexo desbragados não foram caminhos utópicos e nem utopia em si mesmos. Foram uma espécie de gozo instantâneo. Como aquela música do Gessinger, era uma questão de alívio imediato, pra suportar o insuportável. A despeito de bandas satíricas como Ultraje a Rigor, do entretenimento desprezioso de Lulu Santos e Kid Abelha, de uma certa face sorridente do Paralamas e dos Titãs, do romantismo moralista e casimiriano da Legião e do espírito alegremente irônico do Camisa de Vênus e Engenheiros, apesar dessa face 'leve e alegre' do BRock a sua onda musical é perpassada por uma potência melancólica, rancorosa e desiludida. Essa potência do ódio e do rancor se transmutou numa canção agressiva, numa força elétrica desesperada. Este pior é o melhor do BRock.

Uma tristeza importada como o rock? Européia e norte-americana?

Uma tristeza mundial que a classe média produz, gerada pelo tão almejado desenvolvimento. Mas uma infelicidade bem brasileira também, porque gestada em meio à felicidade fútil de uma classe média nacional:

*Diante do medo um sorriso aeróbico
Nas bochechas a câimbra de uma alegria incompleta
Nada como um sorriso burro e paranóico
Para não perceber a velocidade terrível da queda
(Lobão)*

Uma tristeza em português, negra e infantil, dilacerando o corpo e os neurônios de garotos brancos da elite que estavam prestes a se tornarem respeitosos homens brancos da elite. Então eles rosnavam, com toda força do mundo e de suas caixas de som, contra este destino de merda:

*Ter carro do ano, TV a cores, pagar imposto, ter pistolão
Ter filho na escola, férias na Europa, conta bancária, comprar feijão
Ser responsável, cristão convicto, cidadão modelo, burguês padrão*

*Você tem que passar no vestibular
Você tem que passar no vestibular
Você tem que passar no vestibular
Você tem que passar no vestibular
(R. Russo)*